

TEATRO  
NACIONAL  
S. JOAO



TEATRO SÃO JOÃO  
15—17 JAN 2026

qui+sáb 19:00 sex 21:00

# SENTINELLES

texto, encenação e cenografia

## Jean-François Sivadier

colaboração artística

Rachid Zanouda

desenho de luz

Jean-Jacques Beaudouin

desenho de som

Jean-Louis Imbert

figurinos

Virginie Gervaise

apoio coreográfico

Johanne Saunier

interpretação

Vincent Guédon

Julien Romelard

Samy Zerrouki

produção

MC93 – Maison de la Culture  
de Seine-Saint-Denis (França)

coprodução

Compagnie Italienne avec Orchestre

Théâtre du Gymnase-Bernardines – Marseille

Théâtre National Populaire de Villeurbanne

Théâtre-Sénart – Scène Nationale

Le Bateau Feu – Scène Nationale de Dunkerque

CCAM – Scène Nationale de Vandœuvre-lès-Nancy

apoio

La Colline – Théâtre National

Ministère de la Culture

estreia 4 Feb 2021

Salle Christian Bourgois,

MC93 (França)

Semi-final

*Scé-pièce*

*Frantz Schubert*

*prélude n°3*

*opus 94*

BAKKAR Khaled  
BOZANKO Ambara  
DE MONTRACHET Hubert-Félix  
DESPARNES Raphaël  
HACKMANN Ann-Liv  
LAVERGNE Marianne  
MAC-SIRNEY John  
NINAMOURA Mikito  
SCHIELMANN Mathis  
SEPARICCI Angelica

dur. aprox. 2:20

M/16 anos

Espectáculo em língua francesa,  
legendado em português.

## Ventos contrários, correntes violentas

JEAN-FRANÇOIS SIVADIER

A ideia para este projeto nasceu da leitura maravilhada, há uma vintena de anos, do romance de Thomas Bernhard, *O Náufrago*. Construído como uma *suite* de variações musicais, é um imenso solilóquio, no qual o escritor interroga as relações entre três amigos, todos pianistas virtuosos, cada um deles com a promessa de uma brilhante carreira de solista: Wertheimer (a quem Bernhard chama o náufrago), Glenn Gould e o próprio narrador.

Em *Sentinellas*, Mathis, Swan e Raphaël encontram-se quando adolescentes e tornam-se, de um dia para o outro, inseparáveis. Admitidos numa prestigiada escola de música, aí vão passar três anos, antes de se candidatarem a um concurso internacional de piano, no seguimento do qual, por razões mais ou menos misteriosas, se veem separados para sempre.

Tão diversos como complementares, cada um deles admira nos outros o que lhe falta a si. Os três “melhores amigos do mundo” auxiliam-se e combatem-se, num jogo de equilíbrio delicado entre os laços de amizade indefetível e as diferenças

fundamentais quanto à relação com o mundo e à forma de exercerem a sua arte.

Esta é uma aventura humana e artística, onde três seres, ao mesmo tempo ligados e irreconciliados, caminham juntos por caminhos diferentes, mantendo-se em equilíbrio, bem ou mal, na confusão dos seus desejos, sentimentos e demónios: entre a vontade de se desligarem do mundo ou de o imitarem, de falarem por ele ou de se calarem, entre a fadiga e a tentação da renúncia, o compromisso e a recusa, a ambição e o orgulho, o sonho da fraternidade e a fúria de vencer, o espírito competitivo, a vergonha, a culpa, a humilhação, a indignação, o prazer e o júbilo, o medo e o desejo de agradecer...

Uma história como um pretexto para interrogar os ventos contrários, as correntes violentas e antagonistas que se podem confrontar, harmonizar ou confundir na relação secreta que cada artista estabelece com o mundo.■

Trad. Fátima Castro Silva.

### “A voz inaudita”

É tão reconfortante fingir neste mundo de fingimentos.  
Não queiram esse fingimento, se for possível.  
Evitem-no, se for ainda possível.  
Sejam, se for possível, e cada um ao seu próprio ritmo, na sua própria força,  
Aquele que faz o gesto irreconhecível, sejam a voz inaudita,  
O corpo indetetável nestes tempos de falsa sabedoria e semelhança venal.  
E para o futuro que vos diga respeito, essa coisa tão pequena, tão humilde,  
Onde se misturam um longo e lento orgulho e humanidade,  
Tornem-se, como puderem, uma duração de exigência.  
Um único movimento, se for possível, que vá de cada um para todos,  
E que não se impacientem com a surdez dos homens.

DIDIER-GEORGES GABILY

Trad. Rui Pires Cabral.

## Artistas sós, face a si mesmos

ENTREVISTA COM JEAN-FRANÇOIS SIVADIER.  
POR JEAN-FRANÇOIS PERRIER.\*

**As suas encenações alternam entre obras clássicas e obras originais muito pessoais. De onde vem esta vontade de tomar a palavra num palco de teatro?**

Do desejo, simplesmente. À força de sermos o veículo da palavra dos autores, pode-nos surgir o desejo de nos abalancharmos à escrita. Mas, no que me diz respeito, essa questão partiu sempre da cena. De cada vez que a abordei, tranquilizava-me a ideia de que não estava a escrever um texto literário que existiria por si mesmo, mas um material destinado aos atores com quem iria trabalhar. Quer no caso de *Italienne scène et orchestre*, quer no de *Noli me tangere*, por exemplo, quis, antes de mais, confrontar-me com o prazer e a dificuldade de inventar um novo objeto, para os atores e com os atores, deixando o texto ser influenciado pelo trabalho de palco, pela voz e corpo dos intérpretes. É este também o caso. E como os meus anteriores espetáculos serviam grandes textos, em grandes palcos, com grandes elencos, tinha vontade de experimentar uma forma mais intimista, com poucos atores, ou seja, um espetáculo criado de raiz.

**Como nasceu este projeto?**

Há uma vintena de anos, descobri o romance *O Náufrago*, de Thomas Bernhard, onde o escritor analisa a relação entre três amigos, todos eles pianistas virtuosos, com uma brilhante carreira de solistas pela frente: Wertheimer (o náufrago do título), Glenn Gould e o narrador do livro. Bernhard escrutina, com muito humor e crueldade, o seu percurso e história de amizade, o inconsciente dos três homens, ligeiramente atormentados por uma equação cruel: o narrador e Wertheimer são artistas virtuosos, mas Glenn Gould é um génio. No final, o narrador abandona de vez o piano, Wertheimer suicida-se, e Glenn Gould torna-se uma estrela planetária. Há três anos, comecei a escrever a história de dois irmãos, que que se tornou depois a história de três amigos, três músicos, até ao momento em que compreendi que circundava, sem o saber, a trama de *O Náufrago*, e que era essa a história que eu queria revisitado, ainda que *Sentinelles* não tenha muito mais pontos de contacto com o romance.

**Como é que trabalhou a partir desse esboço?**

Para encontrar a voz do narrador do romance de Bernhard, comecei por escrever um diário fictício de um dos três protagonistas. Um diário íntimo, no qual ele conta, dia a dia e de forma totalmente subjetiva, a sua relação com os outros dois e os acontecimentos que vão marcar a vida dos três músicos. Um diário, forma *a priori* mais romanesca do que teatral, permite o jogo com o tempo, os lugares, a cronologia e a verdade. Permite passar da anedota a reflexões mais profundas, criar uma carência, um vazio, não-ditos. Tudo isso contribuiu para traçar um retrato preciso das três personagens e um relato detalhado da sua história. Nunca trabalho sobre a noção de personagem, ainda menos sobre a sua vivência ou a sua psicologia, mas esse material, como um romance, desenhou uma espécie de paisagem mental dos três pianistas, ainda antes de eles tomarem a palavra em palco. E isso deu-nos a impressão de os conhecer e a vontade de os imaginar numa situação qualquer.

**Foi esse o texto, esse diário ficcional, de que os atores se apropriaram?**

Apropriámo-nos de muitas coisas... Deste diário, de onde retirámos excertos para criar cenas, mas também de um compêndio inesgotável de documentos sobre música, sobre o piano, testemunhos de músicos, entrevistas, os filmes de Bruno Monsiegeon sobre Glenn Gould e Sviatoslav Richter... Fizemos de tudo isso uma memória comum, à qual fomos extrair material para criar a cena. O texto tem uma geometria variável e a sua forma inventa-se ao mesmo tempo que o espetáculo. Nutre-se das improvisações dos atores, das suas intuições.

**O título, *Sentinelles*, lança interrogações...**

É misterioso, mas curiosamente impôs-se quase logo, já não sei dizer como. Pareceu-me bastante justo. Uma sentinela é um soldado que faz a patrulha, que vigia um campo militar, ou um palácio... Está à espreita, num tempo suspenso, à espera, ou na expectativa de um acontecimento que pode ou



não vir a acontecer. Não quero ter de explicar esta escolha de título. Não me recordo sequer de o ter explicado aos atores. Quero que cada espectador possa projetar nele o que quiser, sonhando uma possível correlação entre a posição de um artista e a de uma sentinela, alguém que está, ao mesmo tempo, imóvel e em ação, entre dois lugares, o lugar que vigia e aquele de que guarda a entrada...

### **Os seus artistas são pianistas. Ter-lhe-ia sido possível imaginar três dramaturgos ou três pintores?**

A música é evidentemente um pretexto. Tínhamos vontade de levantar questões que um ator, um encenador, um bailarino ou um músico se pudessem colocar. O que ressalta é a solidão que o exercício do piano implica. A solidão do concertista, que nunca se pode apoiar no intercâmbio com outro. De facto, poderíamos ter imaginado três autores, três pintores, três violoncelistas... Em todo o caso, artistas que só podem avançar sozinhos, face a si mesmos. No romance, essa solidão é acompanhada do fascínio enorme que Glenn Gould exerce sobre os dois amigos. E uma das implicações desta história é a forma como esse fascínio contraria ou consolida a amizade entre estes três homens. Com os atores, procurámos exagerar o poder desta cumplicidade, e a impossibilidade de cada um renunciar aos outros dois, acentuando as diferenças de pontos de vista quanto à relação com o mundo e à maneira de exercerem a sua arte. Imaginámos três formas de correntes artísticas, como se fossem três cores, ou três *movimentos*, que se podem contradizer ou harmonizar, no coração, na cabeça, na

prática de cada artista. O primeiro movimento dá primazia à transcendência, à verticalidade, à poesia, à necessidade de a arte mostrar a beleza, e ser capaz de, sozinha, transformar o mundo. O segundo argumenta que a arte não é nada se não for política, virada para o outro, sendo que o artista se deve comprometer numa relação direta, horizontal, frontal com o mundo, para “aliviar as penas da existência humana”. Para o terceiro, a arte é, antes de mais, uma aventura pessoal, apolítica, uma procura interior, introspetiva; o artista deve, pura e simplesmente, suprimir-se do mundo, porque, como diz Malraux, “os grandes artistas não são os transcritores do mundo, são os seus rivais”; é a arte pela arte, por assim dizer. *Sentinelles* pode ser visto, afinal, como uma conversa sem fim entre três artistas, ao mesmo tempo ligados e irreconciliados, cada um deles comprometido numa destas três direções. Uma conversa umas vezes ligeira, outras vezes venenosa, das que acontecem entre atores que se preparam para um espetáculo e que se questionam, com respeito mas com intransigência, sobre a sua relação com o teatro. Uma conversa que poderia durar uma vida inteira, um pretexto para evocar as correntes violentas e antagonistas que se podem confrontar, harmonizar, ou confundir na relação secreta que cada artista estabelece com o mundo. ■

\* Entrevista originalmente publicada no programa de sala de *Sentinelles* da MC93 – Maison de la Culture de Seine-Saint-Denis, em outubro de 2020.

## Playlist do espetáculo

### *The Third Man*

- Anton Karas
- Anton Karas

### *Paint It, Black*

- The Rolling Stones
- The Rolling Stones

### Sonata para piano n.º 13 em mi bemol maior, op. 27

- Ludwig van Beethoven
- Glenn Gould

### Sonata para piano n.º 2 em si bemol menor, op. 35 (*Marcha Fúnebre*)

- Frédéric Chopin
- Martha Argerich

### Concerto para piano n.º 1 em dó menor, op. 35

- Dmitri Schostakovich
- Orquestra Filarmónica de Leninegrado

### Sonata para arpeggione (guitarra de arco) e piano em lá menor, D. 821

- Franz Schubert
- Alexandre Tharaud e Jean-Guihen Queyras

### Prélúdio em mi bemol menor e Fuga n.º 8 em ré sustenido menor, BWV 853

- Johann Sebastian Bach
- Glenn Gould

### Variações Goldberg, BWV 988, Variatio 1 a 1 Clav.

- Johann Sebastian Bach
- Glenn Gould

### Prelúdio op. 28, n.º 4 em mi menor

- Frédéric Chopin
- Alexandre Tharaud

### Vinte e quatro prelúdios, op. 34: IX. IX Presto

- Dmitri Schostakovich
- Andreï Korobeinikov

### Sonata para piano n.º 11 em lá maior, K. 331

- Wolfgang Amadeus Mozart
- Fazil Say

### *Le Piano noir*

- Barbara

### Variações Goldberg, BWV 988, *Aria* (gravação de 1981)

- Johann Sebastian Bach
- Glenn Gould

### Estudo op. 10 n.º 1 em dó maior

- Frédéric Chopin
- Seong-Jin Cho

### Estudo de Paganini n.º 3, *La Campanella*

- Franz Liszt
- Nobuyuki Tsujii

### Sonata n.º 13 em mi bemol maior, op. 27, n.º 1

- Ludwig van Beethoven
- Glenn Gould

### Concerto para piano n.º 1 em sol maior, op. 25

- Felix Mendelssohn
- Yuja Wang

### *A Sagração da Primavera*, para piano a quatro mãos

- Igor Stravinsky
- Claire Ouellet e Sandra Murray

### Momentos Musicais, D 780, n.º 3 em fá menor

- Franz Schubert
- David Fray

### Estudos para piano, n.º 4, *Fanfares*

- György Ligeti
- Jeremy Denk

### Concerto para piano n.º 2 em dó menor, op. 18

- Serge Rachmaninov
- Alexandre Tharaud, Orquestra Filarmónica Real de Liverpool

### *Le Jardin de Sergiu Celibidache* (DVD)

- Serge Ioan Celebidachi
- Celibidache

### *Fellini-Roma* (DVD)

- Federico Fellini
- Anna Magnani

## Jean-François Sivadier

Autor, ator e encenador. Mal termina os estudos no Théâtre National de Strasbourg, em 1986, trabalha sob a direção de encenadores como Didier-Georges Gabily, Alain Françon, Stanislas Nordey, Laurent Pelly ou Jacques Lassalle. Em 1996, escreve, interpreta e encena *Italienne avec orchestre* e assume a direção do díptico de Molière *Dom Juan/Chimère*, de Didier-Georges Gabily, após o falecimento deste. Artista associado do Théâtre National de Bretagne desde 2000, leva à cena novas versões das suas peças *Italienne avec orchestre* (2003), renomeada *Italienne scène et orchestre* – que obtém o Grande Prémio do Sindicato da Crítica – e *Noli me tangere* (2011), criada de raiz em 1998 para o Festival Mettre en Scène. Destaque ainda para *Le Mariage de Figaro*, de Beaumarchais (2000), *La Mort de Danton*, de Büchner (2005) – encenação pela qual é galardoado com um Molière, o prémio nacional de teatro francês –, *La Dame de chez Maxim*, de Feydeau (2009), *Le Misanthrope* (2015) e *Dom Juan* (2016), de Molière. Em 2019, dirige no Odéon *Un Ennemi du peuple*, de Ibsen, e *Othello*, de Shakespeare, no Le Quai (2022), em Angers. Escreve e dirige *Portrait de famille, une histoire des Atrides*, em 2024, com os atores e atrizes do Conservatório de Arte Dramática de Paris. No Festival de Avignon, apresentou, entre outros, os espetáculos *La Vie de Galilée*, de Brecht, *Le Roi Lear*, de Shakespeare, e *Partage de Midi*, de Claudel. Colabora regularmente com a Ópera de Lille, onde encenou *Madame Butterfly* (2004), *Wozzeck* (2007), *Les Noces de Figaro* (2008), *Carmen* (2010), *Le couronnement de Poppée* (2012) e *Le Barbier de Séville* (2013). No Festival de Aix-en-Provence, dirigiu *La Traviata* (2011) e *Don Giovanni* (2017), e *Carmen* na Ópera Nacional do Reno, em Estrasburgo (2021). Pelo conjunto da sua obra, foi-lhe conferido o Grande Prémio de Teatro de 2022 da Academia Francesa.■

# "É o som da tua solidão que te assusta?"

## APOIO



## AGRADECIMENTOS TNSJ

Câmara Municipal do Porto  
Polícia de Segurança Pública

## EDIÇÃO

Teatro Nacional São João

coordenação

Fátima Castro Silva

fotografia

Jean-Louis Fernandez

design gráfico

Scatic

impressão

Mota & Ferreira, Lda.

Não é permitido filmar,  
gravar ou fotografar  
durante o espetáculo.  
O uso de telemóveis  
e outros dispositivos  
eletrónicos é incómodo  
tanto para os intérpretes  
como para os espectadores.

O TNSJ É MEMBRO



REPÚBLICA  
PORTUGUESA

CULTURA, JUVENTUDE  
E DESPORTO



MC93

mission de la culture  
de Sabon-Cahit-Duval  
Roubaix

Com o apoio de:

